

COOPERAÇÃO MILITAR PARA A SAÚDE

*José de Assunção Gonçalves**

Aceitei de boa vontade,
parecendo-me também que lá me poderia
Deus abrir algum caminho
com que me provesse de outra melhor capa que a que então trazia,
já que de meu não tinha mais que o que pretendia
alcançar por minhas mãos.

Fernão Mendes Pinto, Peregrinação.

Resumo: A Cooperação Técnico Militar de Portugal com Timor-Leste, entre a Marinha mais antiga do mundo e a mais recente, tornou evidente que o Serviço de Saúde poderia ser uma pedra angular no futuro das Falintil-FDTL, como instituição que representa o reforço da soberania e da independência nacional, na sua missão de defesa da Nação no espaço estratégico de interesse permanente e conjuntural.

“O investimento na saúde da população é uma fonte de criação de riqueza que não pode ser desperdiçada. É, acima de tudo, um imperativo de justiça e de salvaguarda da dignidade humana”.¹

No Verão de 2010, teve lugar uma missão de assessoria técnica na área da saúde, prestada pela Armada Portuguesa às Falintil-FDTL. Foram propostos os termos de referência para a edificação e gestão de uma nova Clínica da Cooperação, operada por militares timorenses e portugueses em permanência, em parceria com o Serviço Nacional de Saúde, numa lógica de cooperação civil-militar. Este projecto, que deu continuidade à tradição de cooperação portuguesa com Timor-Leste, demonstrou os benefícios resultantes do investimento na saúde das populações, e a força de cinco centúrias de relacionamento.

* Médico, Cirurgião Geral, ex-Oficial Médico Naval da Armada Portuguesa.

¹ Excerto do discurso de S. Exa. o Senhor Presidente da República Portuguesa, Prof. Doutor Aníbal Cavaco Silva, na Assembleia da República, no dia 25 de Abril de 2015.

Quando Timor era Portugal e o Governador da Metrópole se dirigia aos Liurais em Assembleia, era costume terminar o seu discurso questionando:

– *Rona ka lae?*²

Invariavelmente os Liurais respondiam em unísono:

– *Ita boot mak batene.*³

O Governador regozijava então para Lisboa com este povo tão obediente e submisso. Os Liurais por seu lado mantinham a sua palavra e as suas próprias decisões nos seus Reinos, sem nunca assumir qualquer compromisso com a Administração Portuguesa.

Ciente desta independência de espírito que sempre caracterizou o povo timorense ao longo da História e “da sua riqueza e capacidade pessoal, que possui em alto grau” (Felgueiras & Martins, 2006), cheguei a Díli por mar na madrugada do dia 9 de Agosto de 2010, a bordo do navio hospital americano USNS “*Mercy*”, na qualidade de Primeiro-Tenente Médico Naval da Armada Portuguesa e Cirurgião Geral da missão *Pacific Partnership* 2010.

Esta missão humanitária da Marinha norte-americana surgiu na sequência do Tsunami de 2004 que devastou o Sueste Asiático, ao ser identificada a necessidade de preparação de meios de apoio humanitário em situações emergentes de catástrofe. Iniciada em 2007, contou pela primeira vez com a parceria de Portugal em 2008.

Ao prestar assistência humanitária efectiva a países com deficientes recursos, a *Pacific Partnership* visava garantir a formação e treino indispensáveis a uma resposta adequada numa situação de catástrofe. Por outro lado, era uma missão de cariz fundamentalmente diplomático, que pretendia reforçar as parcerias estratégicas definidas pela política internacional norte-americana, através do cumprimento de 3 objectivos: promoção da paz e estabilidade regional; articulação dos recursos de diferentes nações em parcerias de cooperação técnica; reforço das relações internacionais (Gonçalves, 2010a).

A participação numa missão humanitária internacional deste âmbito e dimensão, envolvendo organizações militares e civis, estatais

² Escutaram ou não? Entenderam ou não? Vão cumprir ou não? (Tétum, tradução do A.)

³ *Lit.* Você grande / Sua Excelência é que sabe. (Tétum, tradução do A.)

e não-governamentais, era um reflexo das excelentes relações estabelecidas entre Portugal e os Estados Unidos da América. Para além de ter permitido recolher inúmeras lições aplicáveis na nossa realidade quotidiana e no aprontamento de missões sanitárias, trouxe à memória a própria expansão hospitalar portuguesa ultramarina em séculos passados (figura 1).

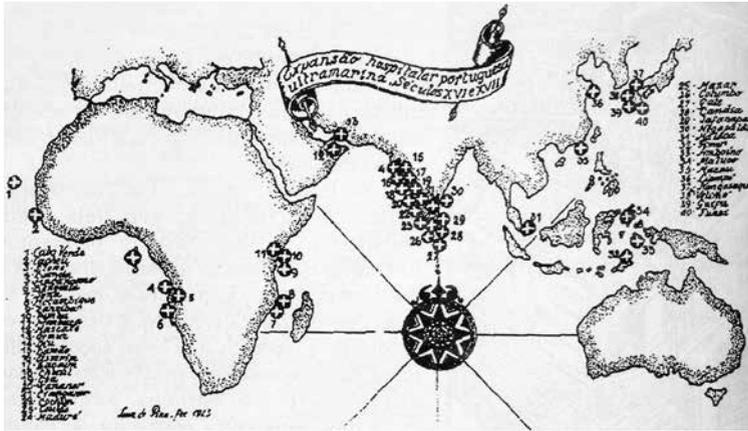


Figura 1. Expansão hospitalar portuguesa ultramarina nos séculos XVI e XVII. Desenho e organização de Luís de Pina (in Reis, 2004)

Pessoalmente, foi também uma oportunidade para recordar e buscar inspiração em Garcia de Orta – o onomástico do Hospital onde tinha realizado o internato da especialidade de cirurgia geral – ilustre português que mereceu a primeira poesia publicada de Camões (in Orta, 1563):

*"(...) Favorecei a antiga ciência, que já Aquiles estimou:
Olhai que vos obriga, verdes que em vosso tempo se mostrou
O fruto daquela Orta, onde florescem
Plantas novas, que os doutos não conhecem (...)"*

O Professor Universitário Garcia de Orta, ávido de desafios ainda maiores e desejoso de conhecer novos povos, culturas e formas de expressão, partiu para a Índia, onde foi médico e comerciante de especiarias e pedras preciosas. Ousou seguir o seu interesse por temas contrários aos dominantes, não hesitando em se dedicar a uma área considerada menor na Medicina – a Botânica – e em detrimento do

latim, a língua da cultura e da elite europeia da época, fez questão de eleger o português para publicar os seus prestigiados “Colóquios”.

Assim amadurecido numa parceria pacífica, este “verde fruto florescido daquela Orta” foi então integrar o Projecto 2 da Cooperação Técnico-Militar (CTM) entre Portugal e Timor-Leste, após desembarque do USNS “*Mercy*”.

ASSESSORIA TÉCNICA NA ÁREA DA SAÚDE

A missão de CTM decorreu entre 23 de Agosto e 21 de Setembro de 2010, tendo compreendido 3 vertentes de acção:

1. Integração no Projecto 2 da Cooperação Técnico Militar de Portugal com Timor-Leste;
2. Doação de equipamento ao Hospital de Liquiçá;
3. Estabelecimento dos termos de referência para o Projecto de uma Clínica da Cooperação.

1. Integração no Projecto 2 da Cooperação Técnico Militar de Portugal com Timor-Leste

a) Assessoria temporária na edificação de um Serviço de Saúde da Componente Naval

A Companhia de Saúde das Falintil-FDTL encontrava-se na dependência orgânica da Componente de Apoio e Serviços, e estava sediada nas instalações militares de Metinaro. Os militares da área da Saúde eram destacados nas diferentes Componentes, num sistema rotativo semestral ou anual.

O Serviço de Saúde (SS) da Base Naval de Hera (BNH) – onde está sediada a Componente Naval das Falintil-FDTL – era chefiado por um Segundo-Sargento da especialidade de Abastecimento. A equipa sanitária completada com duas Praças, estava instalada num pequeno edifício com 2 gabinetes contíguos, um dos quais era utilizado como alojamento.

Estas instalações tinham sido devastadas por uma inundação em Dezembro de 2009. Em resultado desta catástrofe natural, os recursos materiais eram escassos, nomeadamente os medicamentos e apóritos, e as condições de armazenamento e organização eram precárias.

O edifício foi alvo de obras de reabilitação seguindo os conselhos desta assessoria: Limpeza das instalações; pintura das paredes; dotação de água canalizada; montagem de dois lavatórios (um por divisão); reinstalação dos componentes eléctricos; reorganização dos espaços, de forma a que o SS passasse a dispôr de uma sala de triagem/gabinete de consulta e de uma sala de cuidados de enfermagem com um catre e uma cama de internamento.

Estes trabalhos, executados imediatamente durante o período da missão, ofereceram um notável incremento da capacidade operacional do SS da BNH.

Esta infra-estrutura ficou ajustada à realidade de 2010, tendo em conta o pessoal da área da saúde disponível e o número de efectivos da Componente Naval.

Na perspectiva de construção de um novo edifício para albergar o SS da BNH, sugeriu-se considerar um projecto de instalações que preveja a prestação de cuidados de saúde à população civil de Hera, bem como a criação de um Centro de Medicina Hiperbárica, disciplina indispensável para um destacamento militar de mergulhadores, num País que dispõe de recursos combustíveis fósseis sob exploração em campo marítimo, bem como um potencial ímpar de turismo de mergulho.

b) Cursos de formação na área da saúde

Durante a missão, foram ministradas 3 acções de formação a um total de 77 militares da Componente Naval das Falantil-FDTL, pertencentes ao Destacamento de Fuzileiros e às guarnições dos Navios. Os temas abordados em sessões teórico-práticas incluíram o Suporte Básico de Vida, Posição Lateral de Segurança, Métodos de Remoção e Transporte de vítimas e Noções Básicas de Traumatologia.

Nesta assessoria foram identificados os cursos de formação na área da saúde militar ministrados em Portugal, que também seriam passíveis de ser ministrados por militares portugueses em Timor-Leste (Quadro 1).

Curso	Destinatários	Duração	Observações
Entidade: Escola de Tecnologias Navais – Marinha			
Curso Básico de Socorrismo (ASS 27)	Oficiais, Sargentos e Praças	12 horas	
Curso Complementar de Socorrismo (ASS 28)	Oficiais, Sargentos e Praças com funções na área do Socorrismo	24 horas	
Curso de Suporte Avançado de Vida (ASS 29)	Médicos e Enfermeiros	18 horas	
Curso de Emergência em Combate (ASS 30)	Oficiais, Sargentos e Praças das Operações Especiais	36 horas	
Entidade: Escola do Serviço de Saúde Militar – Exército			
Curso de Técnicas de Emergência Médica para Tripulantes de Ambulância de Transporte (TEM-TAT)	Praças	35 horas	Curso creditado pelo INEM
Curso de Técnicas de Emergência Médica para Profissões de Alto Risco (TEM-PAR)	Oficiais, Sargentos e Praças	35 horas	
Curso de Emergência e Socorro para Operacionais	Oficiais, Sargentos e Praças	44 horas	
Curso de Socorrista de Combate	Oficiais, Sargentos e Praças das Operações Especiais	60 horas	
Curso de Técnicas de Emergência Médica para Profissionais de Saúde orientado para Forças Nacionais Destacadas	Médicos e Enfermeiros	75 horas	
Curso de Socorrista	Praças Socorristas	140 horas	1º Módulo creditado pelo INEM

Quadro 1. Cursos de formação na área da saúde militar ministrados em Portugal (*in* Gonçalves, 2010b)

c) Exercício de funções clínicas

Durante o período da missão foram exercidas funções clínicas (consultas médicas e intervenções cirúrgicas) abrangendo os militares da Componente Naval e a população civil de Hera.

A título de exemplo dos benefícios de uma Cooperação Militar para a Saúde, destaca-se o apoio sanitário prestado a um recruta do Destacamento de Fuzileiros com sindactilia congénita do 4º e 5º dedo da mão esquerda, que foi operado a bordo do USNS “*Mercy*”, paradigma de sucesso no aprontamento da Força.

2. Doação de equipamento ao Hospital de Liquiçá

O Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada Portuguesa Fernando Melo Gomes determinou que a Marinha doasse material de saúde ao Hospital de Liquiçá, que tinha sido reconstruído pela guarnição do N.R.P. “Hermenegildo Capelo” em 2000.

Com este desígnio, dando continuidade à tradição de cooperação portuguesa com Timor-Leste, o Almirante Melo Gomes dava também um sinal da importância que atribuía ao investimento na saúde das populações.

Após identificação das necessidades do Hospital e devido aprontamento logístico, a cerimónia de doação realizou-se no Hospital de Liquiçá no dia 15 de Setembro, presidida pelo Almirante Melo Gomes, durante a sua visita oficial a Timor-Leste. Foi entregue equipamento e material transportado e cedido pelo N.R.P. “Sagres”, que nessa data se encontrava atracado no porto de Díli.

3. Estabelecimento dos termos de referência para o Projecto de uma Clínica da Cooperação

Enquadramento

A História de Timor-Leste dotou a Nação de uma experiência militar muito forte. Contudo, a guerra tipo guerrilha e a preponderância das medicinas tradicionais orientais não ofereceram à estrutura das Forças Armadas a organização sistemática de um Serviço de Saúde Militar.

Este contexto, aliado ao êxodo de quadros técnicos da saúde na sequência da crise de 2006, fragilizou a implementação de uma estrutura de saúde capaz de assumir as devidas competências de apoio à Força e à população.

Em 2010, o programa de dotação de recursos humanos na área da saúde das Falintil-FDTL previa recorrer a médicos formados em Cuba e enfermeiros formados em instituições civis timorenses.

Por outro lado, em 2012 afigurava-se o final da presença do contingente da Guarda Nacional Republicana (GNR) e do respectivo Serviço de Saúde do Instituto Nacional de Emergência Médica (INEM), inseridos nas forças da Organização das Nações Unidas (ONU).

O Serviço de Saúde da GNR em Díli, era prestado por pessoal de saúde civil (médico e enfermeiro) do INEM. Disponha de excelentes instalações e equipamentos, nomeadamente um quarto de internamento com três camas (com mosquiteiros) e casa de banho anexa, uma sala de tratamentos, um gabinete médico (com biblioteca), sala de espera, um paiol de medicamentos, um paiol de apósitos e alojamentos do pessoal.

Este Serviço de Saúde prestava um valioso contributo, não só à Força da GNR, mas também à população de Timor-Leste e a cidadãos estrangeiros residentes ou em trânsito.

Tive oportunidade de o constatar *in loco*, no tratamento com sucesso de um militar da Armada Portuguesa, do Projecto 2 da CTM, vítima de um enfarte agudo do miocárdio em Agosto de 2010. O paradigma da sua importância foi contudo, a assistência ao Presidente da República José Ramos Horta, no atentado de que foi vítima em 2008.

O Serviço de Saúde da GNR/INEM também prestou um contributo inestimável nesta missão de assessoria, ao ter cedido temporariamente o seu manequim de Suporte Básico de Vida. Esta cooperação entre três instituições portuguesas presentes em Timor-Leste (Marinha, GNR e INEM), permitiu que fossem ministradas acções de formação teórico-práticas de emergência médica a 77 militares da Componente Naval das Falintil-FDTL.

Portugal também contribuía para o Serviço de Saúde em Timor-Leste, por intermédio da Clínica da Cooperação Portuguesa (CCP), cuja missão principal era prestar cuidados de saúde aos portugueses (militares e civis) em missão de cooperação.

A CCP, situada no centro de Díli, financiada pelo IPAD (Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento), contava com um corpo clínico composto por um médico e um enfermeiro, ambos civis, em comissão de serviço de um ano, prorrogável.

A CCP estava dotada de instalações adequadas, com sala de espera, sala de triagem/atendimento de enfermagem, sala de tratamentos, gabinete médico, farmácia, sala de esterilização e casa de banho. O processo clínico e a prescrição de medicamentos estavam informatizados.

Para além da prestação de cuidados primários de saúde (gratuitos) aos portugueses em missão de cooperação em Timor-Leste, a CCP

tinha as portas abertas ao público – portugueses fora do âmbito da cooperação e cidadãos de qualquer outra nacionalidade – num conceito de clínica privada, em que são cobrados os actos clínicos prestados.

Portugal também prestou um valioso contributo para o Serviço de Saúde timorense, por intermédio da União Europeia, na sequência do financiamento das obras de requalificação e ampliação do Hospital Nacional Guido Valadares, que reconhecidamente beneficiaram esta infra-estrutura e os cuidados de saúde prestados a nível nacional.

Apesar desse investimento, constatou-se que o Hospital Nacional Guido Valadares não contava com profissionais de saúde portugueses em 2010, porém albergava estágios de formação de colégios de especialidades médicas australianas.

A Clínica da Cooperação

A realidade encontrada e a experiência vivida em Timor-Leste, animadas por uma alma selvagem⁴ com dois olhos aguçados⁵, demonstraram que o Serviço de Saúde Militar com um padrão de proficiência sustentado, poderia ser uma pedra angular no futuro das Falintil-FDTL, como instituição que representa o reforço da soberania e da independência nacional, na sua missão de defesa da Nação no espaço estratégico de interesse permanente e conjuntural.

Nesta missão de cooperação entre Portugal e Timor-Leste, ficou patente que a Saúde Militar e as suas especificidades, seriam uma valência fundamental na missão das Forças Armadas de Timor-Leste, nomeadamente em:

- a) Apoio humanitário dirigido à população civil, na assistência continuada e sustentada às populações isoladas, com acesso apenas possível pela costa marítima, ilhas e enclave de Oe-Cusse;
- b) Preparação de meios de apoio humanitário em situações emergentes de catástrofe;

⁴ Klamar Fuik (Tétum, tradução do A.)

⁵ Taur Matan Ruak (Tétum, tradução do A.)

- c) Garantia de competência de busca e salvamento marítimo e prestação de socorros a náufragos, no exercício das funções de *MRCC* (“*Maritime Rescue Coordination Center*”), no cumprimento do Estado de Direito no Mar;
- d) Desenvolvimento de Medicina hiperbárica;
- e) Desenvolvimento de Medicina aeronáutica, disciplina indispensável para uma Componente Aeronáutica Militar, bem como para a Aviação Naval.

Neste cenário, tornou-se evidente que as Falintil-FDTL poderiam vir a beneficiar de uma assessoria permanente na área da saúde, que apoiasse a edificação e gestão de um Serviço de Saúde adaptado à realidade militar, com o respeito pelas especificidades próprias de cada Componente.

Com este entendimento, surgiu a ideia de desenvolver uma nova Clínica da Cooperação, com a missão principal de assessoria permanente das Falintil-FDTL na área da saúde.

O Embaixador de Portugal em Timor-Leste, Luís Barreira de Sousa, adivinhando a importância estratégica desta medida no âmbito das relações diplomáticas entre os dois Países, solicitou que se elaborasse uma proposta onde fossem levantados os termos de referência, convincentes e viáveis, de uma nova Clínica da Cooperação, cujo projecto fosse elegível a integrar o Programa-Quadro do triénio 2011-13.

Termos de referência

A nova Clínica da Cooperação deveria assegurar, no mínimo as capacidades e nível de cuidados do Serviço de Saúde da GNR/INEM, podendo ser criada como entidade distinta, complementar à CCP existente, ou numa lógica de ampliação da CCP.

Em ambas as alternativas, a nova Clínica da Cooperação passaria a ser liderada por um corpo clínico militar português destacado.

Idealmente, a nova Clínica situar-se-ia na “Casa da Cooperação”, podendo servir como elemento impulsionador dessa infra-estrutura.

Propôs-se que o corpo clínico militar português destacado, fosse composto por um médico, um médico dentista, um enfermeiro e um socorrista, reforçado por pessoal de saúde das Falintil-FDTL.

Em complemento e em caso de necessidade, poder-se-ia recorrer a médicos e enfermeiros civis locais, visando reforçar a articulação com o Serviço Nacional de Saúde.

A promoção de uma parceria com o Hospital Nacional Guido Valadares, permitiria o exercício da actividade clínica hospitalar dos militares destacados, condição essencial para a sua formação contínua, manutenção das perícias e troca de experiências, no âmbito da especialidade médica ou cirúrgica correspondente.

Saúde em tétum escreve-se “saude”, todavia os médicos timorenses estão a ser formados em Cuba, e em Díli decorrem estágios de formação de colégios de especialidades médicas australianas.

Este projecto visava reforçar as relações entre os dois Países na área da saúde, permitindo uma maior divulgação da língua portuguesa.

A nova Clínica da Cooperação poderia servir como ponto de ligação com profissionais de saúde portugueses (civis ou militares), em articulação com o Ministério da Saúde, as Ordens profissionais e Organizações Não-Governamentais, para a frequência de estágios no âmbito do internato médico ou de especialidades de enfermagem, e em programas de assistência humanitária.

Por outro lado, nas circunstâncias da actualidade em que alastra o desemprego na saúde em Portugal – nomeadamente nos enfermeiros e técnicos – e na sequência das obras de requalificação e ampliação do Hospital Guido Valadares, a nova Clínica da Cooperação poderia também servir como medida de fomento à criação de novas oportunidades de carreira em Timor-Leste.

A longo prazo, esta cooperação com o Serviço Nacional de Saúde, poderia servir de ponto de partida para a futura edificação de uma estrutura hospitalar militar timorense, como Pólo Militar de um Hospital Civil ou como organismo autónomo.

Estimando que um militar português destacado em missão de cooperação em Timor-Leste, recebe em média um suplemento de 3.000 € mensais⁶, um projecto desta envergadura teria um custo anual inferior a 150.000 €, para a Parte portuguesa. Na fase de implementação desta proposta, num período que não se prevê que exceda os

⁶ Informação verbal gentilmente prestada pela Direcção-Geral de Política de Defesa Nacional, em audiência no dia 28 de Agosto de 2015.

6 meses, será expectável um esforço adicional, concentrado na edificação das infra-estruturas básicas – humanas e materiais – a cargo de ambas as Partes. Em paralelo, começariam a estabelecer-se os protocolos de cooperação civil-militar entre as diversas instituições (públicas e privadas) interessadas de ambas as Nações, até se atingir uma “velocidade de cruzeiro” e se estar em condições de proceder a uma reavaliação global das necessidades e das condições de oferta de cooperação, por cada uma das Partes envolvidas.

Este modelo essencialmente prático, proposto na sequência da solicitação do Embaixador de Portugal em Timor-Leste, foi considerado a melhor forma de assessorar as Falintil-FDTL na edificação e gestão do seu Serviço de Saúde, como instrumento de coesão interna e de cooperação civil-militar, com benefícios evidentes para todas as Partes (timorenses e portuguesas, militares e civis) no fortalecimento de cinco centúrias de profícuo relacionamento.

REFERÊNCIAS

- Felgueiras SJ, J. & Martins SJ, J.A. (2006). *Nossas memórias de vida em Timor*. Braga: Editorial A.O. ISBN: 972-39-0665-1.
- Gonçalves, J.A. (2010a). *Relatório da missão “Pacific Partnership – Timor-Leste 2010”*. Armada Portuguesa (mimeo).
- Gonçalves, J.A. (2010b). *Relatório da missão de assessoria técnica na área da saúde, do Projecto 2 da Cooperação Técnico Militar de Portugal com Timor-Leste*. Armada Portuguesa (mimeo).
- Orta, G. (1563). *Coloquios dos Simples, e Drogas he Cousas Mediciniais da India, e assi dalgumas frutas achadas nella onde se tratam algumas cousas tocantes a medicina prática, e outras cousas boas, pera saber*. Goa.
- Reis, C.V. (2004) *História da Medicina Militar Portuguesa*. Estado-Maior de Exército. ISBN: 972-96389-7-7.